

# Parágrafo

SUPLEMENTO LITERÁRIO  
DIRECTOR RICARDO PINTO  
EDITORA SARA FIGUEIREDO COSTA  
SEXTA-FEIRA 29 DE MAIO, 2026

#100

A HISTÓRIA  
DE MACAU  
POR HUANG QICHEN  
PG.3

ANA MARIA MAGALHÃES E ISABEL ALÇADA  
EM ENTREVISTA: «O NOSSO MAIOR POETA  
TEVE UMA VIDA TÃO TRISTE» PG.4-5

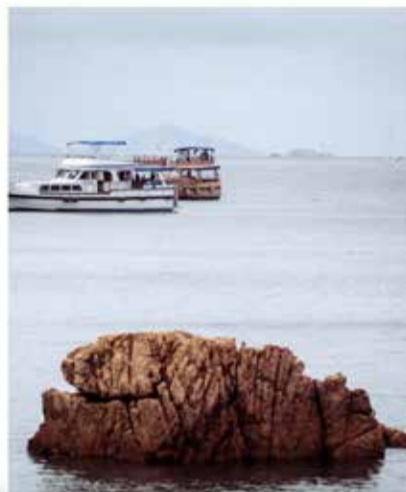
Chegamos ao número 100 desta nova vida do Parágrafo. Não começámos do nada: este suplemento já existia há muito no miolo do Ponto Final e foi tendo diferentes vidas, estruturas e pontos de vista. Em 2015, recomeçámos a contagem, dedicando as páginas do Parágrafo aos livros e ao tanto que pode guardar-se nas suas páginas, sempre assumindo que estes “objectos transcendentais”, como os descreveu Caetano Veloso, são muitas vezes pontes para outras expressões, as quais também foram encontrando eco nestas páginas. Assinalamos a data, pois claro, sem desperdiçarmos o potencial de um número tão redondo, mas o plano é continuar a contagem sem demasiadas preocupações com a numeração. Brindamos e seguimos, portanto, e nesta edição conversamos com uma das mais famosas duplas de escritoras da língua portuguesa. Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada têm um novo livro onde Luís de Camões e a sua relação com o Oriente são tema central. *Camões no Oriente*, com edição da Fundação Jorge Álvares, foi o pretexto para uma conversa que se abre a outros livros das autoras e a outros temas, sempre com Macau no horizonte. Macau é também o objecto de estudo no centro de um livro importante, finalmente publicado em português. *História Geral de Macau – Desde a Antiguidade até 2019*, de Huang Qichen, é a tradução de uma obra publicada pela primeira vez nos anos 90 do século passado e entretanto ampliada, mas sempre em língua chinesa. Agora, com edição da Caminho e tradução de Hu Jing, os leitores de língua portuguesa podem, finalmente, aceder a uma História do território contada por uma voz chinesa, para variar de séculos de historiografia assente na visão dos portugueses que por aqui foram passando.

Há mais para ler nestas páginas, das habituais crónicas às leituras pensadas para os mais novos, da banda desenhada às revistas que a internet vai guardando e que nem sempre são fáceis de encontrar. Regressamos em Julho com mais livros e leituras. Até lá, voltamos a Caetano Veloso: «Mas os livros que em nossa vida entraram/ São como a radiação de um corpo negro/ Apontando pra a expansão do Universo/ Porque a frase, o conceito, o enredo, o verso/ E, sem dúvida, sobretudo o verso/ É o que pode lançar mundos no mundo.» Cem edições depois, continuamos a acreditar nisto.

## RESIDÊNCIA DE ESCRITA EM HONG KONG

International Writers' Workshop  
國際作家工作坊

2027  
WRITERS-IN-RESIDENCE PROGRAMME  
駐校作家計劃



O International Writers' Workshop (IWW) da Universidade Batista de Hong Kong abriu recentemente as candidaturas para o seu Programa de Escritores Residentes, com duração de 4 semanas, a acontecer na Primavera de 2027. Podem candidatar-se escritores de qualquer parte do mundo, sendo que os seleccionados terão assegurada a viagem, o alojamento e as ajudas de custo dárias. As candidaturas estão abertas até ao próximo dia 14 de Agosto e o regulamento pode ser consultado em <https://www.hkbu.edu.hk/>



## LEITURA SOBRE RODAS

Com a aproximação do Verão, o Instituto Cultural voltou a colocar a Biblioteca Itinerante a circular pelas ruas de Macau. Durante o próximo mês, a carrinha que leva livros, periódicos e outros materiais até aos leitores vai estar em diferentes bairros, marcando presença em jardins, praças e locais de grande movimento pedonal. Do Fai Chi Kei à Taipa, passando pelo Jardim da Flora ou pelo Largo da Barra, será possível ler e participar nas outras actividades previstas em torno dos livros e da leitura. A escala de paragens e horários da Biblioteca Itinerante está disponível no site da Biblioteca Pública de Macau.



## BEIJING BOOK FAIR

Pequim prepara-se para acolher a 40ª edição da sua Feira Internacional do Livro. A Beijing Book Fair acontece entre os dias 17 e 21 de Junho, no China National Convention Center, e este ano tem os Emirados Árabes Unidos como convidado, colocando a produção literária deste país no centro das atenções. Para além deste destaque, a cada ano atribuído a um país, a feira conta com cerca de 2600 pavilhões ocupados por editoras vindas de mais de uma centena de países. Esperam-se milhares de novos acordos e contratos para a edição de livros chineses no estrangeiro, e vice-versa, ao longo destes cinco dias. Paralelamente, decorrerá no mesmo espaço a Beijing International Book Fair – Picture Book Fair, um projecto que tem vindo a ganhar destaque no panorama editorial internacional, acompanhando o crescimento do segmento editorial infanto-juvenil em todo o mundo e também na China.



ADMINISTRADOR / DIRECTOR: Ricardo Pinto / EDITORA: Sara Figueiredo Costa  
COLABORADORES: André Vinagre, Carolina Baltazar, Dora Gago, José Luis Peixoto, Luciana Leitão,  
Paul French, Raquel Dias ILUSTRAÇÃO: Rui Rasquinho / DESIGN / PAGINAÇÃO: Catarina Lopes Alves

Propriedade, administração e distribuição: PraiaGrande Edições, Lda  
IMPRESSÃO: Tipografia Welfare Ltd.

• O Parágrafo é um suplemento do jornal Ponto Final e não pode ser vendido separadamente.

Trav. do Bispo, n1-6 andar, Macau  
pontofinalmacau@gmail.com  
2833 9566 / 28338583 2833 9563

# A história de Macau pela voz de um autor chinês

Pela primeira vez, pode ler-se em língua portuguesa uma História de Macau assinada por um historiador chinês: *História Geral de Macau – Desde a Antiguidade até 2019*, de Huang Qichen, chegou há pouco às livrarias, com chancela da Caminho.

No final da década de 90 do século passado, o historiador Huang Qichen dava à estampa, em língua chinesa, a sua *História Geral de Macau*. Em 2020, uma nova edição dessa obra foi publicada, com acrescentos e actualizações. Agora, quase três décadas depois da primeira edição, a *História Geral de Macau* foi finalmente traduzida para português, tarefa levada a cabo por Hu Jing, com revisão de Carlos Ascenso André, e publicada pela Caminho, cujo editor, Zeferino Coelho, assumiu a importância de dar a ler este texto a um público de língua portuguesa.

Ao longo de mais de seiscentas páginas, acompanhamos os diferentes períodos da História de Macau, começando na Antiguidade e só muito mais adiante passando pela chegada dos portugueses ao território, que já era povoado muito antes dessa chegada. Uma das ideias centrais deste livro assenta na importância de Macau como entreposto comercial entre os países orientais e ocidentais a partir do século XVI. Não quer isto dizer que o autor desvalorize as questões culturais, patrimoniais, os episódios históricos que marcam a cronologia de Macau, mas sim que, de facto, o território assumiu sempre, sobretudo no contexto chinês, o papel de entreposto comercial e esse é o ângulo privilegiado na abordagem historiográfica de Huang Qichen.

Outra ideia central do livro passa pelo modo como se analisa a presença portuguesa no território. Huang Qichen respondeu a algumas perguntas do Parágrafo, nomeadamente sobre o impacto que este livro poderá ter

para o entendimento da História de Macau, uma vez que essa história foi quase sempre contada por vozes portuguesas ou ocidentais. Sobre isso, o autor considera que «os estudos da história de Macau realizados a partir da perspectiva académica chinesa têm dois tipos de impacto na compreensão da história de Macau pelos portugueses: primeiro, ajudam-nos a superar o eurocentrismo e a conhecer a verdade da história de Macau; segundo, proporcionam-lhes uma visão global, própria de uma história geral. Em primeiro lugar, os estudos da história de Macau com origem na perspectiva académica chinesa podem permitir que os portugueses conheçam verdadeiramente a história real de Macau: os portugueses residiram em Macau como arrendatários por 446 anos (1553-1999), pagando anualmente à China cerca de 500 taéis de prata, pagamento que foi suspenso após 1849, resultando em 150 anos de renda não paga (1849-1999). Desde a antiguidade até ao presente, Portugal nunca deteve a soberania de Macau, que sempre pertenceu à China. Com a celebração do Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português em 1887, Portugal obteve a administração de Macau, por um período de apenas 112 anos. Esta é a verdade da história de Macau. Além disso, tanto quanto sei, esta é a única história geral de Macau existente na China. A sua tradução e publicação em português ajudará os leitores de língua portuguesa a ter uma visão geral e diacrónica, compreendendo o panorama completo da história de Macau, e a entender mais profundamente as suas transformações históricas e o seu papel central nas relações sino-portuguesas.»

## O longo caminho de um livro

A relação de Huang Qichen com a História de Macau vem de longe e conta com vários livros e artigos publicados ao longo dos anos, como nos explicou o professor: «Comecei a dedicar-me ao estudo da história de Macau em 1982, uma vez que a minha especialidade é a história económica das Dinastias Ming e Qing, que na-

turalmente inclui Macau. Começando pela recolha de fontes históricas, aprofundei a investigação ao longo de dois anos e comecei a redigir artigos sobre o comércio externo de Macau. Em 1991, publiquei, em coautoria, a *Compilação de Materiais sobre a História do Porto de Macau (1553-1986)* e, posteriormente, publiquei sete monografias, incluindo *Quatrocentos Anos da Economia de Macau* e *As Religiões de Macau*. Em seguida, comecei a redigir a *História Geral de Macau (Desde a Antiguidade até 1999)*, tendo dedicado 17 anos de esforço até à sua publicação. Aquando do 20.º aniversário do retorno de Macau, desloquei-me novamente a Macau por dois meses para recolher materiais sobre o novo e pleno desenvolvimento de Macau após o retorno, revi o livro original e redigi a edição revista, publicada em 2020, tendo a edição original sido aumentada para 800.000 caracteres. Pode dizer-se que escrever a *História Geral de Macau* consumiu 18 anos de trabalho, uma árdua labuta intelectual. Posteriormente, o livro recebeu dois prémios nacionais de prestígio, consecutivamente, em 2021 e 2023, e foi traduzido e publicado em português, estando também em curso a sua tradução e publicação em inglês.»

Para a tradução, a Caminho contou com o trabalho da professora Hu Jing, da Universidade de Universidade Nankai, que descreveu ao Parágrafo como foi o processo: «Esta obra levou quase seis anos, desde a definição do projecto até à publicação oficial. A linguagem do texto original não é, em si mesma, particularmente difícil de traduzir. No entanto, a obra envolve inúmeros conceitos ligados a factos históricos, que exigem o máximo cuidado na tradução – sobretudo para evitar erros básicos que seriam incompreensíveis para os leitores de língua portuguesa, em particular para os académicos dos países lusófonos que venham a consultar este livro. Um exemplo simples: o topónimo “” (Jiu’ao, em pinyin) teve de ser traduzido como

“KA HO”, que era a designação usada pelos portugueses na época, e não como “JIU AO” – este é um conhecimento elementar para quem estuda a história de Macau. Assim, a maior dificuldade residiu em localizar as designações originais em português para a vasta quantidade de nomes de pessoas, topónimos, instituições, descrições de acontecimentos e citações directas que constam da obra.» O rigor e as dificuldades enfrentadas não desanimaram Hu Jing, que não teve dúvidas em afirmar que esta foi «uma tarefa árdua, um desafio exigente, mas também uma experiência académica e humana extremamente gratificante.»

Para a maioria dos leitores de língua portuguesa, esta será a primeira vez que contactam com uma História de Macau contada por um autor chinês. O facto de o arco cronológico se estender à fase pós-1999 torna essa abordagem ainda mais relevante, uma vez que o professor Huang Qichen acompanhou o processo de



Huang Qichen

*História Geral de Macau*  
- Desde a Antiguidade até 2019

Caminho

transferência da soberania e os anos subsequentes, fazendo desta a mais completa história do território. Certo é que o autor não continuará a acrescentar capítulos ao livro, como nos disse: «com a idade avançada de 88 anos, já não tenho a energia necessária». Fica entregue às novas gerações de historiadores a continuação desta tarefa de mapear e registar a História de Macau.



## Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, entre a história e a ficção

Novo livro de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, editado pela Fundação Jorge Álvares, narra as aventuras de Camões em Goa e Macau, misturando realidade e ficção.

**E**m *Camões no Oriente*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, o leitor é conduzido pelos protagonistas a vários episódios reais da vida do poeta português nesta parte do mundo. Por isso, depois de Goa, a história passa por vários momentos, em Macau: o cargo de provedor dos defuntos e ausentes, a escrita de *Os Lusíadas*, o convívio entre portugueses e chineses e o regresso a Portugal. O título é o quarto de uma série intitulada *Portugueses no Oriente* e, confidenciam as autoras, em entrevista ao Parágrafo, já há um próximo quase pronto: um livro sobre o primeiro embaixador português enviado à China, Tomé Pires.

*Camões no Oriente* inclui uma parte ficcional e histórica, num equilíbrio que pretende atrair os mais novos para a vida do poeta português. «Tentámos manter um rigor histórico e fazer uma ficção histórica, mas

respeitando os parâmetros da vida naquela época e daquilo que se sabe das personagens que trabalhamos», conta Isabel Alçada.

A integrar a biblioteca digital da Fundação Jorge Álvares desde o fim do ano passado, o livro *Camões no Oriente* começou a ser distribuído, em Abril, na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares, em colégios privados e nas escolas portuguesas do mundo.

### O poeta esteve em Macau?

Nos livros de História, um ponto particularmente enigmático da vida do poeta português é a passagem por Macau. Em *Camões no Oriente*, as autoras não tiveram dúvidas. «A maioria dos historiadores actuais diz que não tem dúvidas de que Camões esteve no território», diz Ana Maria Magalhães. «Além de tudo o mais, ele foi nomeado para um cargo em Macau

e teve mesmo de lá estar agora, se foi um ano ou dois», continua a autora, deixando no ar a incerteza sobre o tempo que lá esteve.

Na opinião das autoras, a dúvida maior é se Camões terá escrito parte de *Os Lusíadas* numa gruta em Macau. «Os historiadores não têm certeza se ele iria para lá escrever», diz Isabel, acrescentando, entre risos: «Mas nós achamos que sim e acabou nós é que somos as autoras. Aliás, *Os Lusíadas* foram todos escritos no Oriente — durante 17 anos Camões não terá ido a Portugal. «Nós até arranjámos uma solução fantástica [no livro], que foi pôr umas tábuas [na gruta] e as pessoas irem lá escrever, porque Macau é muito quente e ali há alguma aragem», continua.

Admiradoras da lírica de Camões, as autoras quiseram «dar a ideia de como foi a vida do poeta que está por detrás daquela maravilhosa obra», diz Isabel, logo apoiada por Ana. «Não há nada dele que eu não diga que não é genial.»

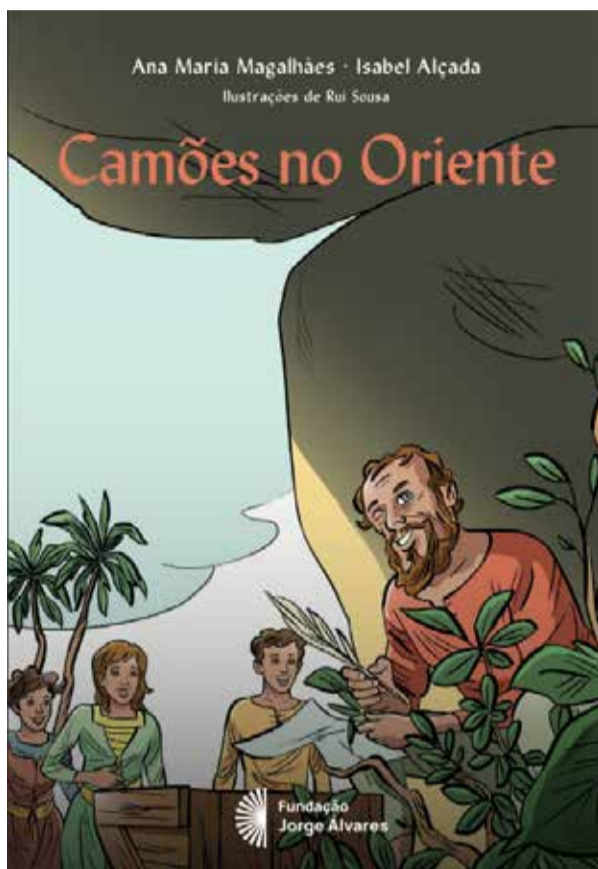
Com uma vida errática e sem depoimentos escritos, as autoras consultaram muitos biógrafos e centraram-se nos pontos de consenso entre todos. «Seguimos os episódios que são seguros da vida dele, no Oriente», diz.

### Um génio com uma vida errante

Ao fazer a pesquisa para este livro, Ana revela ter ficado com o «coração partido», perante as desventuras de Camões. «O nosso maior poeta teve uma vida tão triste», admite. «Presso três vezes», diz, acrescentando: «Quando regressa a Lisboa, ninguém lhe liga nenhuma.» Isabel continua: «Não tinham percebido ainda o valor que aquele homem tinha. Era um estroina, um boémio.» O que queria era escrever e «nem dinheiro para a passagem de volta a Lisboa conseguiu juntar».

Tratando-se de «um dos maiores escritores do mundo», com uma vida cheia de amores e peripécias, as autoras afirmam que o objectivo é «atrair os mais novos» para o trabalho do poeta. «O que queremos transmitir é que foi uma vida entusiasmante, porque sabemos que, quando conhecemos a vida de uma personagem que escreve, a obra torna-se mais apetecível», salienta Isabel.

Aliás, diz Ana, para as crianças, muitas vezes «Camões entra pela pior porta», que é o estudo de *Os Lu-*



sorvidos pela maquete e seguiram viagem na nau do trato já não a maquete, mas a verdadeira.» O que as autoras procuraram fazer, em qualquer um destes títulos, foi «pegar em personagens que, de alguma forma, conduzem o leitor e vão sendo os intérpretes das coisas que vêem e que os nossos leitores podem não ver nem perceber», esclarece Isabel. Há depois a parte histórica, que é apenas informativa. «E é o mais clara possível e simples, destinada ou aos leitores que são mais curiosos ou aos professores, pais ou adultos que queiram ter também a informação», acrescenta Ana.

Quanto ao último título, que está na fase final de ajustes, *Viagem à China Tomé Pires ao Serviço do Rei*, exigiu também muita investigação, cabendo a revisão científica ao historiador Rui Loureiro. «É uma figura fascinante, este primeiro embaixador de Portugal na China, que é também o primeiro embaixador europeu na China», esclarece. Dada a sua importância, merece ser recordado, mas, para o tornar mais interessante aos olhos dos mais jovens, foi necessário adicionar mistério. «Era um químico, um boticário, um farmacêutico», refere Isabel, acrescentando: «Era também um homem com uma curiosidade incrível que, na *Suma Oriental*, faz uma descrição que vai do Mar Vermelho à China dos povos, dos costumes, dos hábitos, dos alimentos, das religiões e dos produtos que havia em cada local.»

A ponte para os leitores mais jovens foi feita com a introdução de um elemento novo para as autoras: a inteligência artificial. «No livro, os protagonistas estão a fazer uma pesquisa para uma apresentação de um trabalho e lembram-se de consultar a inteligência artificial», conta Ana. «Eles também não sabem ao certo se aquilo que lhes aparece é real ou se é uma viagem no tempo.»

A colaboração com a Fundação Jorge Álvares começou ainda quando Carlos Melancia, antigo Governador de Macau, estava à frente da instituição. «Desafiaram-nos para um primeiro livro sobre Jorge Álvares», recorda Isabel Alçada.

## «Crescemos com a Caminho»

Conheceram-se, na Escola Básica Fernando Pessoa, em Lisboa, e foi aí que começaram a colecção *Uma Aventura*. Com vários títulos ao longo dos anos, a ligação a Macau surgiu nos anos 90.

Conheceram-se nos anos 70, enquanto estavam a fazer o seu estágio pedagógico, na Escola Básica Fernando Pessoa, em Lisboa, e foi aí que as duas começaram a escrever histórias em conjunto para os alunos. Estava criada a semente que levaria à colecção *Uma Aventura*, editada pela Caminho, e a uma parceria que continua até hoje.

Sentiram logo que eram parecidas, pelo contexto familiar e pela maneira de encarar as crianças e de resolver os problemas na escola. «Compreendíamos muito bem, embora cada uma fizesse o seu trabalho», recorda Ana Maria Magalhães. Depois, moravam perto uma da outra, tornando fácil encontrarem-se. Começaram a escrever contos pequenos para os seus alunos e daí até ao primeiro livro foi um passo.

Procuraram editoras, sem muito sucesso. «Houve três que não quiseram, acharam que não, mas a última disse-nos: há uma editora nova, muito pequena, que ainda não tem autores, que talvez queira. Crescemos com a Caminho.»

Geralmente, o processo de escrita acontece em casa de Ana Maria Magalhães, em Alvalade, mas, também já o fizeram, em casa de Isabel Alçada, em salas de espera de médicos ou em esplanadas. Primeiro, constroem os planos de pesquisa e, depois, quando a história já se encontra na cabeça de ambas, podem começar com a escrita. «Se alguma coisa nos parecer mal», diz, logo interrompida por Isabel, para concluir a ideia. «Vai fora.»

Escrevem em coro, falando. «Os meus filhos, quando ainda es-

tavam em casa, diziam: ouço a minha mãe a escrever», recorda Ana. Uma diz uma frase, enquanto a outra vai completando, mas é sempre Ana Maria Magalhães que escreve à mão. «A minha letra lê-se mais facilmente», diz.

O texto final é passado a computador por uma terceira pessoa. «Há muitos anos, a Isabel perguntou à sua cabeleireira se conhecia alguém e ela indicou-nos a prima», diz. Nunca mais se largaram. «É rápida, dedicada e percebe a letra.»

### A ligação a Macau

A primeira ligação a este lado do mundo surge com o *Uma Aventura em Macau*, uma experiência que as levou a visitar o território em 1994. «Acabámos por ir também a Cantão», diz Ana.

Recordam-se de atravessar o Delta das Pérolas, de *ferry*. «Foi um momento de grande aventura estavam ali comigo todos os navegadores e todos os livros que eu tinha lido e os testemunhos da época», recorda.

Em Macau, visitaram também muitas escolas e casas de amigos, mas há uma pessoa a quem estão especialmente gratas. «Tínhamos tido na Escola Básica Fernando Pessoa um colega, professor de História, também de Macau, Pedro Xavier [ex-director da Escola Portuguesa de Macau], e ele ajudou-nos imenso no território», declara Isabel. «Não só entrámos nas casas das pessoas, como nos ia revelando os segredos disto e daquilo.»

Depois de *Uma Aventura em Macau*, veio o *Tufão nos Mares da China*, uma história que acontece quando os holandeses atacam Macau. Qualquer um dos dois foi difícil de escrever, dada as diferenças entre Portugal e o território. «Queríamos que os leitores visualizassem coisas que nunca tinham visto» e, por isso, foi difícil. Por exemplo, acrescenta Ana: «Como descrever aqueles prédios altíssimos com grades, em Macau, que parecem gaiolas enormes, de forma a que não pareça outra coisa qualquer?»

*síadas*, na escola. «A distância é muito grande», refere, salientando: «É o grande poeta, mas temos de estudar este livro, que é uma obra complicadíssima.» Por isso mesmo, ao longo de *Camões no Oriente*, além de ficção entrecortada pela realidade, foram-se introduzindo trechos da lírica do poeta, assim como de *Os Lusíadas*. A esperança é de que «se crie um laço de amizade e de afecto com quem lê».

A integrar a biblioteca digital da Fundação Jorge Álvares desde o fim do ano passado, o livro *Camões no Oriente* começou a ser distribuído, em Abril, na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares, em colégios privados e nas escolas portuguesas do mundo.

### Os vários títulos

*Camões no Oriente* é o quarto livro de uma série assinada pelas duas autoras e intitulada *Portugueses na China*, editada pela Fundação Jorge Álvares. Desta colecção fazem também parte *Encontros na Cidade Proibida*, *Navio Mistério - a Nau do Trato* e *Missão Impossível*.

Qualquer um destes títulos, é um misto de ficção e realidade. «Por exemplo, *Navio Mistério - a Nau do Trato* baseia-se numa maquete extraordinária de uma nau, que existe no Museu do Centro Científico e Cultural de Macau», diz Ana. «Imaginámos dois miúdos, que foram ab-



O filme de série B *Kill a Dragon*, de 1967, é o responsável pela reunião de algumas das pessoas mais improváveis que alguma vez fizeram um filme em Hong Kong e Macau. Começamos pelo realizador, Mickey Moore, que tinha sido um actor infantil canadiano no cinema mudo dos anos 20, mais tarde convertido em realizador especializado em filmes protagonizados por estrelas pop. Quando chegou à Ásia para coordenar a sua equipa de filmagem, em meados dos anos 60, tinha acabado de realizar alguns filmes desse género com Elvis Presley como protagonista.

Juntamos o pugilista americano entretanto transformado em actor, Jack Palance, que já tinha trabalhado com nomes de peso – Elia Kazan, Joan Crawford, Alan Ladd, Robert Mitchum, Brando –, mas cuja carreira estava em declínio, deixando-o sem trabalho e com tempo livre para viajar. E Palance, com o seu queixo anguloso, tinha a vantagem de ser reconhecido internacionalmente e famoso pelas suas cenas de luta com armas de fogo e facas, quase sempre muito realistas e brutais (que, infelizmente, não conseguiu recriar em *Kill A Dragon*).

Ao lado de Palance estava o actor argentino Fernando Lamas, que tinha começado a carreira interpretando personagens tipo macho-latino, e que, ao chegar aos 50 anos, descobriu que era mais fácil conseguir papéis de vilão do que de protagonista romântico. Em meados dos anos 60, a carreira de Lamas também estava estagnada, pelo que não foi difícil aceitar o papel de vilão português e chefe da máfia de Macau. Depois, havia Aldo Ray, um actor que nunca chegou a atingir o estrelato, mas que trabalhava constantemente para tal. A sua carreira também estava num ponto muito baixo, pelo que estava livre e disposto a viajar. E, finalmente, contrataram Aliza Gur para o papel principal feminino – uma atriz israelita, ex-Miss Israel 1960 e Bond Girl em *From Russia With Love*. Gur tinha-se casado há pouco com um dos patrões da Columbia Pictures, em Hollywood, e reformou-se pouco depois de *Kill a Dragon*, não tendo voltado a aparecer no ecrã – o que, para ser franco, não é grande perda.

Foi assim que este grupo um tanto peculiar, composto por um realizador especializado em filmes delicodoces, alguns actores em decadência e uma rainha da beleza israelita, chegou a Hong Kong em 1966 para dar início às filmagens.

## Kill A Dragon (1967)

\*

O enredo de *Kill A Dragon* é bastante simples. Trata-se, essencialmente, de uma imitação de série B do filme *Os Sete Samurais*, de Kurosawa, ou da sua adaptação western, *Os Sete Magníficos*. Os habitantes da ilha de Macau contratam um aventureiro americano e mulhengo, Rick Masters (Palance), e a sua equipa para os ajudar a contrabandear uma valiosa carga de nitroglicerina para Hong Kong, debaixo do nariz de um gangster local, Patrai (Fernando Lamas), que quer a carga para si. Atraído pela promessa do ouro e pela bela «repcionista» de discoteca Tisa (Alizia Gur), Rick conta também com a ajuda do guia turístico local Vigo (Aldo Ray), uma escolha bastante surpreendente quando se pensa em aliados para combater um bando criminoso cruel e fortemente armado.

Os aldeões de Macau são um grupo heterogéneo de pescadores, horticultores e, dado importante, respigadores de destroços de navios, reivindicando direitos de salvamento. Curiosamente, a nitroglicerina era um tema comum nas revistas *pulp* e nos filmes de série B ambientados em Macau nas décadas de 50, 60 e 70. Porquê? Bem, Hong Kong pagava generosamente

por ela, uma vez que a colónia britânica vivia então um *boom* de construção aparentemente interminável, nivelando encostas e desbravando terrenos para novas cidades. Fornecer nitroglicerina era um bom negócio.

Factos curiosos: há algumas cenas interessantes filmadas em Wan Chai, nos anos 60. Judy Dan, nascida em Xangai e ex-Miss Hong Kong de 1952, desempenha um papel secundário como uma aldeã macaense. E há algumas cenas no Wan Fu, um iate de luxo que também servia de barco de recreio, operado durante muitos anos pelo Hotel Hilton.

\*

Receio que o filme não tenha recebido críticas muito positivas... Os críticos americanos consideraram Macau, como era de esperar, «pitoresca» e «exótica», embora, na verdade, tenham sido os Novos Territórios de Hong Kong a servir de cenário para Macau, criando o aspecto muito rural que se vê no ecã. «Um pequeno thriller de acção mal feito» foi o melhor que se conseguiu dizer. Um crítico observou – confundindo Kowloon com Macau – que não gostava das «ruas sujas e cheias de lixo, onde quase tudo, desde um esfaqueamento a uma violação, poderia acontecer».

Talvez não tenha sido a crítica mais esperada pelo departamento de turismo de Macau!

Ainda assim, *Kill A Dragon* rendeu um lucro modesto à Universal Artists. Os impressionantes cartazes talvez prometessem um pouco mais de sexo e violência do que o filme realmente apresentava... A maioria viu-o como um western comum, um filme-cliché, uma fórmula, produzido em massa nas décadas imediatamente após a Segunda Guerra Mundial.

Uma nota final: Mickey Moore não estava destinado a ser um grande realizador. No entanto, teve uma carreira posterior como realizador-assistente, muito procurado nas décadas de 1970 e 1980, tendo trabalhado em *Butch Cassidy and the Sundance Kid*, *Patton*, *The Man Who Would Be King*, no filme de James Bond *Never Say Never Again* e, com Steven Spielberg nos filmes de *Indiana Jones*. É claro que *Indiana Jones e o Templo Perdido* contou com o Club Obi Wan, filmado em Macau, na antigo pensão Sun Sun Hotel, na Praça Ponte e Horta, que serviu de cenário para a Xangai dos anos 30. Moore chegou finalmente a Macau e rapidamente a transformou em Xangai.

*Kill A Dragon* está disponível na Amazon e noutras plataformas de streaming.

## “O reencontro com Macau não podia ter sido mais bonito”

A actriz Margarida Vila-Nova voltou ao território, a convite do Festival Literário de Macau, para interpretar Teresa, uma jovem advogada vítima de abuso sexual, em *À Primeira Vista (Prima Facie)*. Depois da apresentação da peça de teatro, que teve lugar nos dias 14 e 15 de Março, no Centro Cultural de Macau, a protagonista assumiu ao Parágrafo ter ficado emocionada por poder apresentar esta personagem, que lhe é tão querida, a uma plateia de rostos familiares.



Foi um regresso muito feliz que transportou Margarida Vila-Nova ao Centro Cultural de Macau (CCM) e levou amigos e caras bem conhecidas da comunidade a emocionar-se com a interpretação da personagem Teresa. No dia da estreia, no território, estavam, “de A a Z, todas as pessoas” com quem se cruzou, durante os sete anos em que a actriz morou na RAEM. Foi um momento “único de partilha”, que contou também com a presença do encenador, Tiago Guedes, e do filho, na audiência.

A peça *À Primeira Vista (Prima Facie)* é um monólogo forte e um *thriller* jurídico que correu o mundo, esteve em Portugal e foi levado para o território, integrado no Festival Literário de Macau. Encenado por Tiago Guedes e protagonizado por Margarida Vila-Nova, conta a história de uma jovem advogada, proveniente de uma família humilde de classe trabalhadora, que conseguiu vencer na vida, pelo seu próprio mérito. Vítima de abuso sexual, é obrigada a reflectir sobre o poder da lei, onde o princípio da presunção da inocência, o ónus da prova e a moral divergem. Depois de dois anos, a peça terminou

a sua digressão, fora de Portugal, no território. “Foi muito simbólico regressar a Macau com o propósito de levar um espectáculo tão poderoso, tão urgente e tão importante”, admite Margarida Vila-Nova ao Parágrafo.

Geralmente, em dias de estreia, a preocupação com o texto ou com o espectáculo é tanta, que não permite aos actores desfrutar do momento. Em Macau, a actriz estava tranquila, conseguindo aproveitar a presença de tantas caras especiais. “Nunca tinha vivido uma estreia em que pudesse estar confiante e segura do trabalho que estava a apresentar pela primeira vez e rodeada de tantas pessoas”, destaca.

### Um tema importante: o abuso sexual

Integrada no Festival Literário de Macau, a peça foi antecedida de uma conversa, no Instituto Português do Oriente (IPOR), sobre violência sexual e, no fim do espectáculo, no CCM, também houve lugar à discussão. “Já estou a fazer o espectáculo há tanto tempo, que foi fundamental voltar a discutir, a dialogar e a deba-

ter o tema, para me voltar a colocar no cerne da questão”, diz. “Foi uma lufada de ar fresco voltar a debater os prós e contras, ouvir as opiniões e foi muito enriquecedor a conversa final com o público e todas as conversas que foram tidas, ao longo da semana, nas entrevistas e nas conversas com advogados e juristas, com quem me reuni”, conclui.

Cássia Schutt, fotógrafa e directora criativa residente no território, foi a moderadora da conversa que aconteceu no IPOR, no dia 12 de Março, entre Margarida Vila-Nova e Tiago Guedes. “Assisti à peça, pela primeira vez, em 2024”, recorda, salientando que, na altura, ao olhar para os outros, percebeu que tanto ela como todos à sua volta estavam bem emocionados. “Ali entendi que aquela peça tinha uma missão maior”, declara, explicando que se tratava de “um lugar de catarse colectivo”.

Presente na estreia em Macau, no dia 14 de Março, Cássia afirma que foi “a melhor actuação de todas” entre as que assistiu da actriz. “Foi uma entrega muito emocionada da Margarida e com a honra de ter a presença do Tiago Guedes, que veio com uma partilha de detalhes sobre a monta-

gem e fez considerações importantes sobre o tema”, diz.

Salientando o papel do encenador para apresentar um “contraponto masculino importante”, destaca o “trabalho de direcção” e a condução que permitiu “abrir o diálogo” também aos homens. “É uma peça que não fala só para as mulheres”, afirma.

Ciente da importância da temática representada, a fotógrafa manifesta ainda ter uma esperança: a de que a peça consiga suscitar questões junto da população de Macau. “É preciso uma sociedade mais informada, mais atenta e aberta para o diálogo”, diz. “Espero que os espectadores estejam abertos a essa conversa, não só no âmbito jurídico, mas educativo.”

Em *À Primeira Vista (Prima Facie)*, questões como a do consentimento, no âmbito das relações sexuais, acabam por ser “universalizadas”, trazendo-as para a discussão pública. “Toca a todos: a um homem que não soube escutar um não, a um jovem que está a entender o que é um não, à mulher que já sofreu um abuso ou à mulher que pode ter passado por isso e não se ter apercebido”, destaca.

Elogiando a actuação de Margarida Vila-Nova, Cássia Schutt diz: “O reencontro [dela] com Macau não podia ter sido mais bonito ali, com o público dela.”

### O consentimento e o ónus da prova

Catarina Cortesão Terra, jurista residente no território, destaca a universalidade do tema em foco, na peça *À Primeira Vista (Prima Facie)*. “É um tema universal, que coloca a mulher e o consentimento numa plataforma de fragilidade na relação e no diálogo com o outro – neste caso, o sujeito masculino, que não consegue perceber o não do outro lado”, diz. A comunicação (ou falta dela) é, na verdade, algo que pode ser transportado ainda para cenários políticos, por exemplo. “A falta de leitura da fisicalidade do outro, que não se pode reduzir apenas à palavra, mas também à sua corporalidade”, declara.

Enquanto mulher e jurista, Catarina Cortesão Terra mostra-se particularmente interessada nesta temática. Numa época em que se vive e se proclama a auto-determinação feminina, a mulher, dentro de uma liberdade e de uma procura de auto-realização pessoal, “sente-se mais disponível para mostrar o que realmente quer de um homem.” Em *À Primeira Vista (Prima Facie)*, “o enredo permite vislumbrar rapidamente que não há uma leitura do consentimento da outra parte [o homem] porque não quer”. Por isso, a jurista considera particularmente interessante e pertinente esta questão do consentimento, “ainda mais numa sociedade atual, em que se estão a revelar alguns comportamentos misóginos e de relativização da vontade das mulheres, além de se subestimar a sua procura da sexualidade.”

A jurista destaca ainda a interpretação “exímia” de Margarida Vila-Nova. “Tudo é desenhado no palco, através do movimento e da expressão da atriz”, declara. Para o público de Macau, habituado a peças com animação e vídeo, trazer *À Primeira Vista (Prima Facie)* aos palcos, que apenas tem por recurso a interpretação de Vila-Nova, é também uma novidade. “Engrandece a imagem e a simplicidade do teatro, porque o que vai evidenciar o tema é o corpo do actor e o olhar do actor”, afirma.

Além do consentimento, diz o advogado Frederico Rato, há outras questões jurídicas evidentes na peça. “A produção da prova (testemunhal, pericial, documental, ou outra), ab-

soluta, inquestionável, indubitável ou, por outro lado, precária, contraditória ou inconclusiva”, afirma, acrescentando: “A questão correlativa ao consentimento: há crime de violação ou não.”

Em casos como os abordados em *À Primeira Vista (Prima Facie)*, ainda que a prova possa ser considerada mais difícil, dada a aplicação do preceito constitucional da presunção da inocência, há que ter em consideração, diz o causídico, que este princípio se trata de “uma garantia da liberdade dos cidadãos e do seu direito de defesa, obrigando a que a responsabilidade pessoal, comportamental e cívica possa ser convocada.”

Sobre a qualidade da peça exibida no território, Frederico Rato não poupa elogios. “O regresso da Margarida ao território foi um amigo e sereno matar de saudades e o renovar da sua representação profissional, tendo Macau como palco”, afirma.

Destacando o papel da actriz, o causídico declara que, “nesta prova de fogo, a Margarida auto-desafiou-se”, demonstrando “um grande talento dramático a par da versatilidade de comediante, um gesto de superação física, psicológica e emocional.”

Num papel, que quase “vai hipnotizando o espectador, levando-o a auto analisar-se e a ordenar-se perante as personagens e os desempenhos que se lhe vão revelando”, instala-se “a inquietude da incerteza do não-consentimento, do consentimento sem sentido e do consentimento com sentido.”

No fim, artista e público precisam de alguma “coragem física e psicológica para despir aquela pele, diluir o complexo de culpa e vestir o fato de todos os dias”. Por último, elogia ainda o encenador Tiago Guedes, “cuja direcção e encenação serviu como uma luva o talento da Margarida.”

### Uma viagem por Macau

Mas a vinda ao território foi, para a actriz, mais do que apenas o desempenho de um trabalho. “Ao longo destes anos, não dei conta do quanto Macau ficou a vibrar ainda dentro das minhas memórias e, quando aterrei, foi uma viagem no presente ao passado de todas as pessoas com quem me cruzei, os lugares que visitei e a vida que pude desfrutar enquanto aí vivia”, confessa a actriz, que acrescentou: “E acompanhada do meu filho, que nasceu aí.”

Peça à parte, Margarida e o filho, que nasceu em Macau, aproveitaram



o tempo no território para “revisitar os lugares” importantes. E o filho lembrava-se desse tempo? “As memórias perduraram no tempo, sobretudo, a memória de ter tido uma infância feliz, mas revisitámos os

lugares em que vivemos, a escola que frequentou, os lugares onde habitualmente almoçávamos e passeávamos, o parque infantil e as casas dos amigos”, diz. “Foi uma verdadeira visita guiada ao nosso passado”, conclui.

## A arte e a tecnologia em nove culturas unidas pela língua portuguesa



A língua portuguesa é o elemento de união entre comunidades e culturas espalhadas por quatro continentes – e também o fio conector de *Media, Arte e Tecnologia nas Nove Culturas da Língua Portuguesa*, um livro que reúne investigações sobre arte, tecnologia e evoluções culturais em nove territórios lusófonos. O editor José Manuel Simões apresentou alguns dos destaques da obra ao Parágrafo e desvendou ainda dois projectos futuros, também centrados na lusofonia.

**H**á uma ilha em Timor-Leste onde cada aldeia fala um crioulo próprio. Ataúro, conhecida pela paisagem idílica de recifes de coral, águas límpidas e a maior biodiversidade marinha do mundo, é também lar de uma pluralidade linguística muito própria. Mais do que língua oficial, a língua portuguesa é, sobretudo, o elemento que unifica e aproxima as diferentes comunidades que habitam o território.

A ideia de explorar o papel do português enquanto instrumento conector surgiu precisamente numa viagem a Ataúro, conta José Manuel Simões, coordenador do Departamento de Media, Arte e Tecnologia da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de São José (USJ), em entrevista ao Parágrafo. Da pequena ilha paradisíaca, nasceu uma ideia que ganhou raízes em muitos outros pontos do mundo: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O resultado é o livro *Media, Arte e Tecnologia nas Nove Culturas de Língua Portuguesa*, uma colectânea de trabalhos de investigação sobre as práticas artísticas, as tecnologias digitais e as evoluções culturais que se manifestam nas múltiplas sociedades lusófonas. A obra, organizada e editada por José Manuel Simões e publicada pela USJ em Setembro do ano passado, conta com a colaboração de mais de uma dezena de académicos rigorosamente seleccionados pelo editor.

«São pessoas que tinham já trabalhos relevantes nestes países, ou nestas áreas de interesse, e pedi-lhes em concreto para criarem um trabalho original», explica o docente. Neste contexto, «original» não se refere apenas a «novo» – houve também a intenção de criar um livro «inovador», tanto nos temas



### Macau e a filantropia

Quanto ao capítulo de Macau, a temática explorada relaciona-se com uma prática comum mas pouco anal-

«Lancei-lhe o desafio de escrever sobre o impacto da filantropia corporativa em Macau porque vem na sequência de algo que ela já tinha feito ao nível do doutoramento, sobre o papel de alguns filantropos em Portugal», explica o editor. «Chega-se a conclusões bastante interessantes neste estudo: nomeadamente, que os filantropos de Macau têm uma postura muito mais “low profile”, mais discreta; não gostam de exhibir os seus feitos, a sua solidariedade, os seus contributos para o desenvolvimento da cultura local».

Carmen Zita Monereo usa a Fundação Rui Cunha, a Fundação Macau e a Fundação Oriente como principais objectos de estudo, identificando os valores que sustentam estas organizações, os fluxos de comunicação que propiciam a actividade filantrópica e a forma como os três se relacionam entre si. «Acaba-se por concluir que são as características pessoais de cada filantropo – por exemplo, o doutor Rui Cunha, com uma forte ligação à arte e à inovação – que diferenciam as decisões estratégicas sobre o que fazer, o que apoiar, ou que áreas apoiar», adianta o académico.

Embora reconheça que esta é uma área «relativamente pouco estudada» e com poucos dados e fontes disponibilizados ao público, Monereo afirma, na conclusão do seu texto, que a cultura filantrópica está em ascensão em Macau, particularmente desde a Covid-19. «Considerando as questões da pesquisa, e com base nos resultados, a filantropia está a crescer e pode servir para ajudar artistas, novos media e projectos baseados em tecnologia», escreve, identificando a educação, a saúde e o meio ambiente como as principais áreas de interesse dos doadores.

### As máquinas ao serviço dos humanos (e não o contrário)

O capítulo sobre Portugal aborda a literatura electrónica, uma arte experimental nascida por volta dos anos 50 e que continua a desdobrar-se em novas potencialidades à medida que as ferramentas tecnológicas evoluem. A partir do convite inicial a Rui Torres – professor catedrático na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, e um dos grandes nomes de referência no estudo e na produção de literatura electrónica e poesia digital em Portugal – juntou-se ao projecto a co-autora Fernanda Bonacho, também estudiosa



retratados como na tecnologia incorporada nas páginas. Cada um dos capítulos vem acompanhado de um código QR, através do qual o respectivo autor faz um resumo em vídeo, «em quatro ou cinco minutos», do tema que explora no texto: da criptoarte no Brasil à crescente automatização dos textos jornalísticos em Cabo Verde.

isada no território – a filantropia – e a sua relação com os valores funcionistas que ainda moldam a sociedade contemporânea da região. A autora, Carmen Zita Monereo, apesar de residir em Portugal, foi convidada a integrar o projecto após concluir o pós-doutoramento em Comunicação e Media na USJ, sob a orientação de José Manuel Simões.



da relação entre a produção literária e a cultura digital.

A partir desta forma híbrida de expressão artística, conhecida também como “e-literature”, introduzem-se no texto temas igualmente oportunos como a literacia digital – «uma ferramenta decisiva na era pós-digital», sublinha José Manuel Simões. O trabalho de investigação faz-se por três prismas: o cronológico, que divide a “e-literatura” em três gerações e contextos históricos; o arqueológico, que levanta discussões sobre as estratégias de preservação e recontextualização das obras; e o simbólico, que traça um paralelismo entre a água nos seus diferentes estados e a preservação do ‘hardware’ e ‘software’ das obras (forma sólida), o seu dinamismo e a adaptabilidade (forma líquida) e a natureza efémera das obras criadas em redes sociais (forma gasosa).

A base teórica formada por estas três perspectivas «contribui não só para a preservação e compreensão da e-leitura, mas também assegura que essas obras permaneçam acessíveis e relevantes para futuras gerações», de acordo com os autores. «Assim, a e-literatura destaca-se como um campo dinâmico e essencial para a literacia digital, desempenhando um

papel crucial na promoção de uma comunicação inclusiva e crítica na era digital», lê-se na conclusão do capítulo.

### IA e livros futuros

O tema da inteligência artificial (IA) é contemplado nos capítulos de Angola e Cabo Verde – e é, de resto, um tema incontornável no actual panorama tecnológico (e até criativo) a nível global. Em Macau, território em que a língua portuguesa é minoritária, vários organismos e serviços já fazem uso de ferramentas de tradução automática do chinês para o português, o que resulta frequentemente em produções linguísticas incorrectas ou até mesmo incompreensíveis.

José Manuel Simões defende que a IA, como todas as tecnologias, tem as suas potencialidades e pontos fracos – cabe ao utilizador saber usá-la, pensando sempre nas implicações éticas e mantendo um diálogo crítico e intelectualmente dinâmico com a máquina. «Um aluno meu, finalista na cadeira de Ética que ensino, fez um trabalho onde concluiu que 90% dos estudantes em Macau usam inteligência artificial nos seus ensaios», conta ao Parágrafo. «Se os alunos se limitarem a fazer perguntas básicas e a copiarem as respostas, claro que isso é uma espécie de plágio».

Por outro lado, se o mesmo aluno «questionar com pertinência e inteligência, analisando e questionando as respostas», os resultados serão diferentes. «Aí, cria-se uma ligação que me parece interessante para o desenvolvimento da nossa capaci-



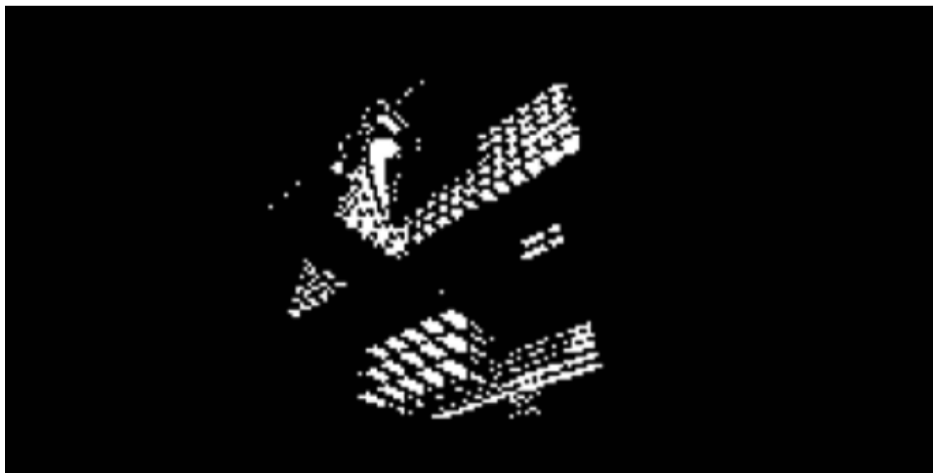
EDUARDO MARTINS

dade de conhecimento, ao criar quase que um diálogo com a ferramenta de IA para chegar a conclusões mais abrangentes e mais capazes». O importante, frisa, é que «haja vigilância e controlo: temos de ser nós a controlar a IA, não o contrário».

*Media, Arte e Tecnologia nas Nove Culturas de Língua Portuguesa* foi apresentado na Fundação Rui Cunha no dia 12 de Maio, com a presença do orientador e de alguns dos doze colaboradores que participaram na publicação: Wilson Caldeira (no capítulo de Angola), Daniel Farinha (Brasil), Silvino Évora (Cabo Verde), Camará Morto (Guiné-Bissau), Carmen Monereo (Macau), Vanessa Rodrigues (Moçambique), Rui Torres e

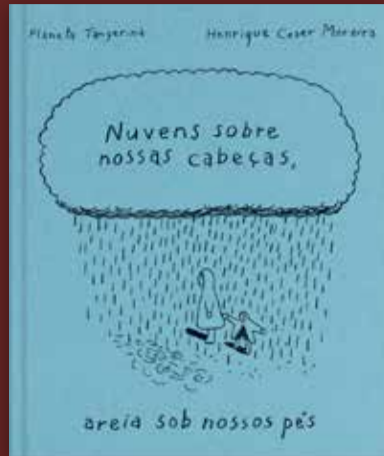
Fernanda Bonacho (Portugal), José Manuel Simões (São Tomé e Príncipe) e Paulo Faustino e Rui Novais (Timor-Leste).

Ao Parágrafo, o investigador revela que está actualmente a preparar duas obras sucessoras a este trabalho: *O Português nas Nove Culturas da Língua Portuguesa* e *As Indústrias Criativas nas Nove Culturas de Língua Portuguesa*. Debruçando-se sobre o primeiro, com data de publicação prevista para 2027, José Manuel Simões revela que este será composto por uma selecção de textos assinados por especialistas provenientes de cada região, que se dedicarão a analisar o estado da língua portuguesa nos vários espaços culturais do mundo lusófono.





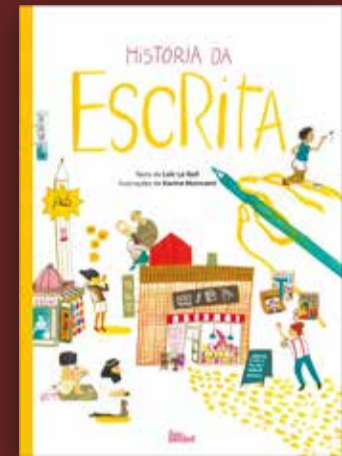
Gonçalo Viana  
**Pirilampo**  
Orfeu Negro



Henrique Coser Moreira  
**Nuvens sobre nossas cabeças, areia sob nossos pés**  
Planeta Tangerina



Isadora Vilelas e Cristiana Rodrigues  
**O Que Há no Topo da Montanha**  
Livros Horizonte



Lóic Le Gall e Karine Maincent  
**História da Escrita**  
Nuvem de Letras  
Tradução de Ana Rita Mendes

## O primeiro policial

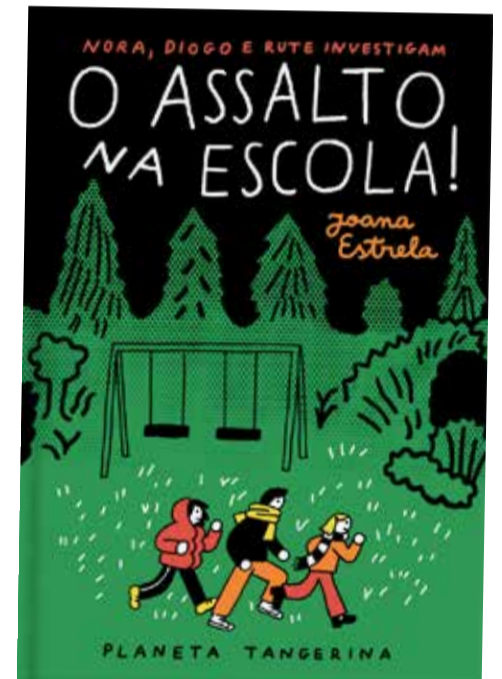
Esta é a estreia de Joana Estrela num registo pouco habitual entre os livros pensados para leitores mais novos. O género policial não estará entre os mais frequentes quando se visita esta secção das livrarias, muito menos com a subtilidade, o humor e a atenção ao contexto que a autora aqui demonstra, e este livro é mesmo um policial, com todos os ingredientes que o género exige. É também, e ao contrário do que tem sido habitual nos trabalhos da autora (que mais frequentemente coloca texto e imagem numa imbricada relação para a produção de sentidos), uma narrativa ilustrada, ou seja, um texto longo que vai sendo

pontuado por imagens sem que haja uma dependência absoluta e cuja leitura nos permite acompanhar o deslindar de um crime que acontece na escola dos protagonistas – logo transformados em dedicados detectives – , Nora, Diogo e Rute.

Cumprindo as regras de um policial, o culpado é alguém que nos é apresentado ao longo do texto. Cumprindo as regras do bom suspense, e respeitando a inteligência dos leitores, não é um culpado óbvio. Aliás, Joana Estrela manipula com esmero as nossas expectativas ao longo da narrativa, criando possibilidades e fazendo-as ruir enquanto vai enquadrando um

universo escolar onde os leitores mais novos se reconhecerão e que os mais velhos ainda saberão como era. Nesse universo, as relações afectivas, o espaço partilhado por estudantes, professores e funcionários e as muitas aprendizagens que acontecem fora da sala de aulas têm um papel de destaque, na narrativa, sim, mas também numa projecção do que pode e deve ser a escola. Se os mais novos ainda não se estreadam no registo policial, esse género que quase sempre reflecte de um modo muito particular a sociedade que o cria, têm aqui um excelente ponto de partida.

Joana Estrela  
**O Assalto na Escola**  
Planeta Tangerina



## Os mitos que somos

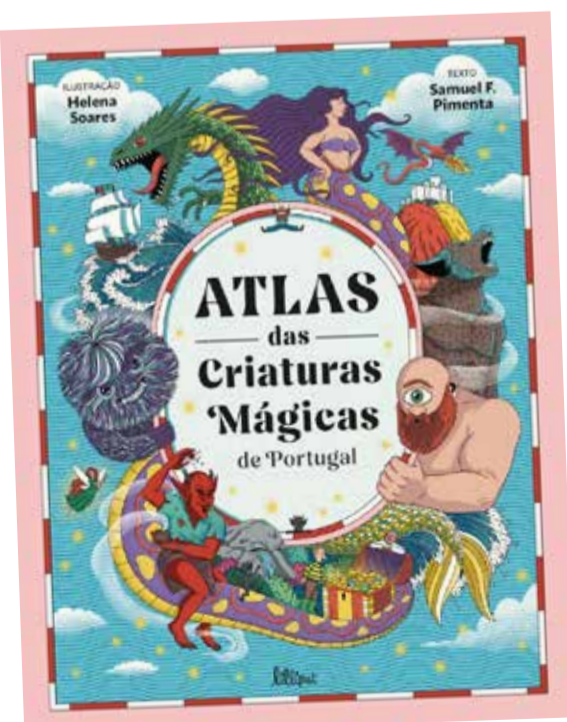
É possível percorrer o território português distinguindo regiões a partir das lendas que foram dando forma à mitologia particular de cada espaço. Neste livro, com texto de Samuel F. Pimenta e ilustrações de Helena Morais Soares, esse percurso faz-se com a descrição de dezenas

Samuel F. Pimenta e Helena Morais Soares  
**Atlas das Criaturas Mágicas de Portugal**  
Nuvem de Letras

de lendas e mitos que explicam, justificam ou dão sentido à constituição de unidades geográficas mais ou menos coesas. Por este atlas passam sereias, lobisomens, dragões ou fantasmas, mas passam também figuras menos conhecidas como o Saca Unhas, o Povo das Furnas, o Homem das Sete Dentaduras ou o Gigante de Arruda dos Vinhos. Cada figura está documentada na relação com uma determinada região de Portugal, mas sabemos, e o livro esclarece-o logo no início, que muitas destas figuras

são transversais ao território português e não só. Mouras Encantadas, por exemplo, aparecem em lendas de norte a sul do país e outras figuras são comuns ao espaço da Galiza, das Astúrias, da Andaluzia, que fazem fronteira com Portugal, ou a espaços mais distantes.

A partir de agora, os leitores mais novos têm à disposição uma boa introdução às figuras mitológicas da cultura portuguesa, e, na verdade àquilo a que chamamos cultura. E sempre atribuindo à tradição oral a sua importância devida neste processo complexo e cheio de ramificações a que chamamos identidade.



# O crime ao lado da história

A linguagem da banda desenhada é uma das ferramentas possíveis para o trabalho da reportagem. Não será o mais reconhecido, ou mais óbvio, mas as últimas décadas tem mostrado uma vitalidade assinalável desta relação, com a publicação de reportagens em banda desenhada em revistas e jornais generalistas e também com a criação de publicações como a *World War 3* ou *Revue Dessinée*, para além da publicação de livros. José Sacco será o caso mais reconhecido do grande público, mas está muito longe de ser o único autor a recorrer à banda desenhada para fazer jornalismo.

Num trabalho a quatro mãos, o jornalista Antoine Vitkine e o autor de banda desenhada Christophe Girard integram a coleção de não-ficção “Témoins du monde”, da editora francesa Steinkis, e constroem esta extraordinária reportagem histórica sobre as máfias chinesas, vulgarmente conhecidas pela designação de triades. Ao longo de vários meses, Antoine Vitkine entrevistou membros assumidos destas triades, entre soldados rasos e alguns chefes com muito poder, mas também ex-integrantes dessas organizações (umas vezes arrependidos, outras nem tanto), vítimas, polícias e agentes dos serviços secretos. Foi a partir dessas entrevistas e de muita pesquisa, nomeadamente na imprensa de diferentes países, que se construiu este relato, fortemente engrandecido pela vertente visual.

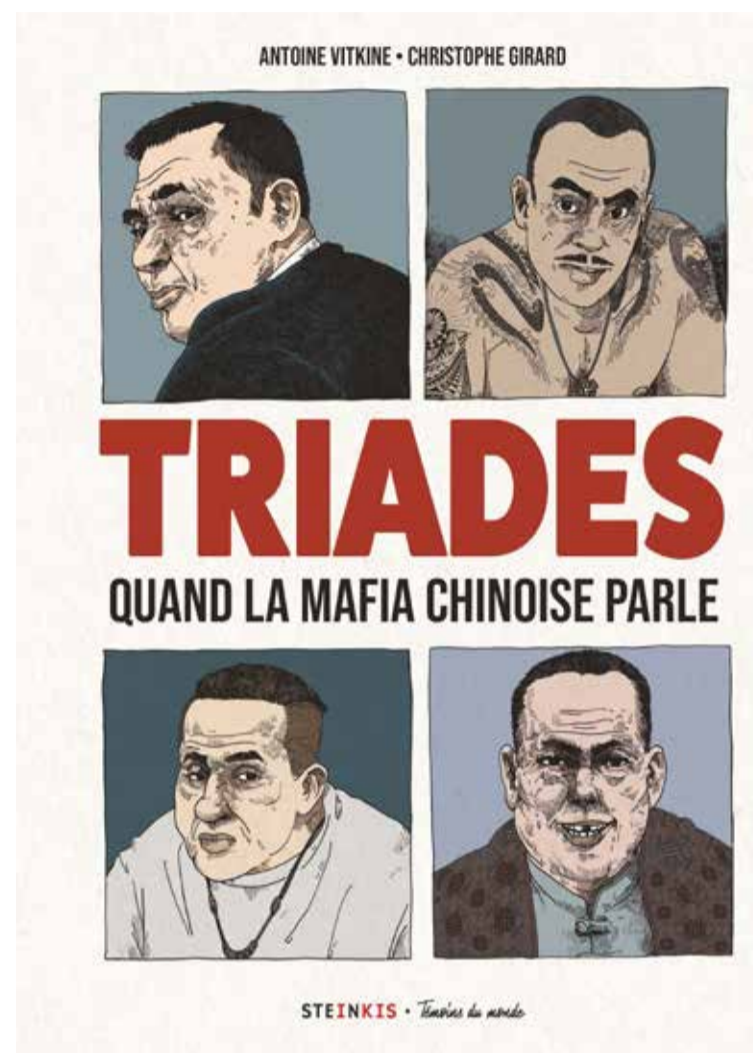
*Triades – Quand la mafia chinoise parle* organiza-se como um documentário, tirando partido da linguagem da banda desenhada para criar diferentes ritmos num relato que, mantendo uma estrutura semelhante perante a aparição de cada novo protagonista (entrevista, entrecortada por flashbacks que permitem reconstituir o passado), nunca se torna repetitiva. Num traço que as-

sume uma expressão realista, mesmo que mantendo alguns vestígios da clássica linha clara, e com cores que lembram a paleta cinematográfica de Tarantino, Girard confere às personagens deste relato uma dimensão ficcional, constantemente desafiada pela certeza geral – das outras personagens e de quem as lê – de todas elas serem bem reais. É essa tensão permanente que contribui para fazer deste um livro que se lê com o entusiasmo reservado aos grandes relatos de aventura, mas também com a curiosidade de quem quer dar algum sentido ao mundo e compreender os mecanismos nem sempre visíveis que se vão movendo nos bastidores daquilo a que chamamos História.

Este livro é também uma viagem por diferentes lugares, de Hong Kong a Taiwan, passando pelos Estados Unidos da América e por várias Chinatowns europeias, mas também, claro, por Macau. Aqui, assume protagonismo Wan Kuok-Koi, mais conhecido pelo nome de Dente Partido, e o seu relato traz à memória colectiva cenas como a da Ponte Nobre Carvalho com o trânsito interrompido para as filmagens de uma biografia sua, ou a capa da revista *Time*, de que foi protagonista, para além de tiroteios, negócios pouco claros em casinos, uma ligação ao grupo criminoso 14 K que nem sempre se confirma plenamente e uma detenção que demorou a concretizar-se.

O livro de Antoine Vitkine e Christophe Girard está cheio de episódios que facilmente se confundem com cenas de um filme de acção, mas o trabalho dos dois autores é, na verdade, uma investigação rigorosa sobre a história das triades, contextualizando o seu aparecimento e desenvolvimento a par com episódios relevantes da História da China – as guerras do ópio, a guerra civil, a fundação da República Popular – e com o contexto político-económico

mundial. Atravessadas as 130 pranchas deste livro, ficamos a conhecer com o detalhe possível o processo de criação das triades, as suas regras, o imaginário e algum folclore que ajudaram a definir-lhes os contornos, bem como o *modus operandi*, os negócios ilegítimos e os que, sendo legítimos, servem para esconder os que não são. O modo franco como alguns dos protagonistas falam sobre as suas actividades à margem da lei é surpreendente, sobretudo quando ainda estarão em actividade no momento das declarações. Para além das confissões sobre homicídios, roubos ou desvios de dinheiro, destacam-se as informações de diferentes entrevistados que permitem a Vitkine e a Girard construir uma narrativa onde se clarifica, por exemplo, o papel das temporadas na prisão na formação de novos criminosos – a prisão é, aqui, uma escola de criminalidade, muito mais do que um centro de regeneração social – e as relações entre grupos criminosos de diferentes países e regiões. Essa é, aliás, uma das pedras de toque desta narrativa, confirmando que o crime organizado se desen-



Antoine Vitkine  
e Christophe Girard  
*Triades – Quand la mafia  
chinoise parle*  
Steinkis

volve a par e passo com o capitalismo, acompanhando-lhe, e por vezes respaldando-lhe, os investimentos, a circulação de capital, os grandes empreendimentos supra-nacionais. É uma relação simbiótica que ajuda a perceber a continuidade de certas práticas, as criminosas e a as que encontram apoio na lei.

Este livro de banda desenhada tem relação com um outro, apenas de texto, onde Antoine Vitkine assina, a solo, a sua longa investigação em torno das triades: *Triades – La mafia chinoise à la conquête du monde* tem edição da Tallandier e é um óptimo complemento para esta reportagem histórica em modo gráfico-narrativo.

# Nova vida

Susan não sabe ainda que hoje a sua vida para sempre. Mastiga o croissant do pequeno-almoço, enquanto no Ipad insere as últimas fotos nas redes sociais. Faltam poucos minutos para a partida do *tour*.

Três semanas passaram desde que deixou a sua cidade no sul da Inglaterra, a casa dos pais. Quase a chegar aos trinta anos, depois de um longo namoro terminado, quis viajar, conhecer outras paragens, outros mundos. Pediu uma licença sem vencimento na empresa onde era arquitecta, lançou-se na aventura, até aos confins da Ásia. Precisava de mudança, de horizontes a desbravar, de ser vivida pela vida. Juntou numa mochila o essencial e partiu, a sorrir, perante a apreensão da irmã, dos pais e a incredulidade do ex-namorado.

Depois do longo voo, mergulhou. Dissolveu-se no caos multicolor, empoeirado e poluído de Banguécoque. Cada esquina, cada templo, cada pedra convidava à descoberta. Tudo era caótico, sujo, mas também belo, mágico, inesperado.

Agora, era Chiang Mai, a pérola do norte da Tailândia. Terra do Buda, dos templos do turismo e de novos mundos a descobrir.

Ia iniciar o *tour* até Chiang Rai para visitar o famoso Templo Branco. Entrou na carrinha branca onde já estava um grupo de turistas de várias nacionalidades e uma guia explicando detalhes do percurso no inglês possível. Entre breves sonos e conversa, 152 kms foram devorados rapidamente.

Longe de transportar em si o peso histórico, o Templo Branco, espelha uma nova dimensão da Tailândia, reinventada sob as lentes do cosmopolitismo e de um mundo pautado pelas leis do brilho vazio, efémero. O contraste desse fulgor com o cenário seguinte, a aldeia das *karen*, as mulheres-girafa, fere o olhar e a alma. Na ânsia de beber aquelas paisagens de um só trago, Susan pede para abandonar o grupo e regressar a Chiang Rai, horas mais tarde, com outros visitantes. Aventura-se por trilhos, a contornar arrozais, na sede de conhecer, de

sentir a vida daquela gente, mapear as linhas configuradoras da paisagem onde se movem pessoas como peças de um tabuleiro de xadrez esculpido além das montanhas. O sol lambelhe a pele, uma densa língua de fogo a acender a sede a cada passo. A garrafa de água não basta para a saciar. Avança, apoiada na sua solidão, como no bastão de um caminhante. Quer primeiro explorar a área circundante e só depois entrar no interior da aldeia das *karen*. Arrisca um carreiro mais distante, a desaguar numa subida a pique. Sente o corpo a derreter, riachos de suor a deslizarem pela testa. De súbito, no ponto mais distante aldeia, agora uma breve linha riscada a giz, sente o chão mover-se sob os seus pés, até que uma dor lancinante no tornozelo a fez perder as forças e tombar desamparada no chão... Vê uma centelha esverdeada a esgueirar-se rapidamente para os arbustos. Uma imprudência, aquela caminhada de

sandálias, em território de cobras venenosas, mas o calor era muito e a inconsciência de quem sempre viveu na cidade... Agora ali está, contorcendo-se de dor naquele chão povoado de perigos desconhecidos. Procura o telemóvel, mas... a bateria está no fim! E pedir ajuda a quem? Estrangeira, sozinha, em terra estranha! Nem sequer o número de emergência médica tem... A dor, a sede... talvez se gritar, mas quem a pode ouvir? Respira fundo, lança um grito longo, nascido das entranhas do desespero como um animal ferido, enquanto a noite prepara o seu lençol negro para agasalhar o mundo.

Novo restolhar na erva seca. Agora...uma voz humana, vinda das entranhas dos tempos: “*Ni hao...*”

Febril, vê um rapaz... não sabe se é real ou fruto da febre. Um jovem chinês, também a fazer o percurso pelos trilhos, mas provavelmente perdido, pois vem em sentido contrário. Não há palavras. As dela naufragaram na dor, na febre, as dele perderam-se no rumor longínquo de uma língua desconhecida. Ele tenta ajudá-la a levantar-se. Na impossibilidade de a manter de pé, o rapaz carrega-a às costas. Caminha como um sonâmbulo, guiado pela luz da lanterna do telemóvel – a lua nova é um tímido rabisco de luz. A tropeçar nas pedras, ele avança, rumo à aldeia. O silêncio impera, gerado nas entranhas do medo. A certa altura, caem ambos desamparados. Não muito longe, uma luz... Gritam

desesperadamente: ela em inglês, ele em mandarim. Exaustos, permanecem sentados no chão, vendo aquele fio de luz aproximar-se. São duas mulheres *karen*, iluminadas por um archote – o dourado dos anéis nos pescoços faísca de forma enigmática. Susan geme com dores, o pé e a perna derramam-se num inchaço. Uma das mulheres ajuda a transportá-la, enquanto a outra lhes ilumina o caminho. Uma delas empurra a porta e entram na casa com chão de terra batida. Não há uma palavra, só silêncio, solidariedade. Rapidamente se apercebem do estado de Susan. Examinam-lhe com cuidado o pé e a perna. Depois, aquecem água numa panela de ferro, juntam ervas e raízes, improvisam uma ligadura. As mulheres agem com a sabedoria de enfermeiras experientes, trocando murmúrios, enquanto colocando os curativos na paciente. Afinal, todo o veneno tem o seu antídoto.

Só mais tarde, quando já consegue levantar-se, Susan tem consciência da sorte. Deve a vida àquela gente com quem não consegue comunicar, mas que domina o idioma da solidariedade, da generosidade.

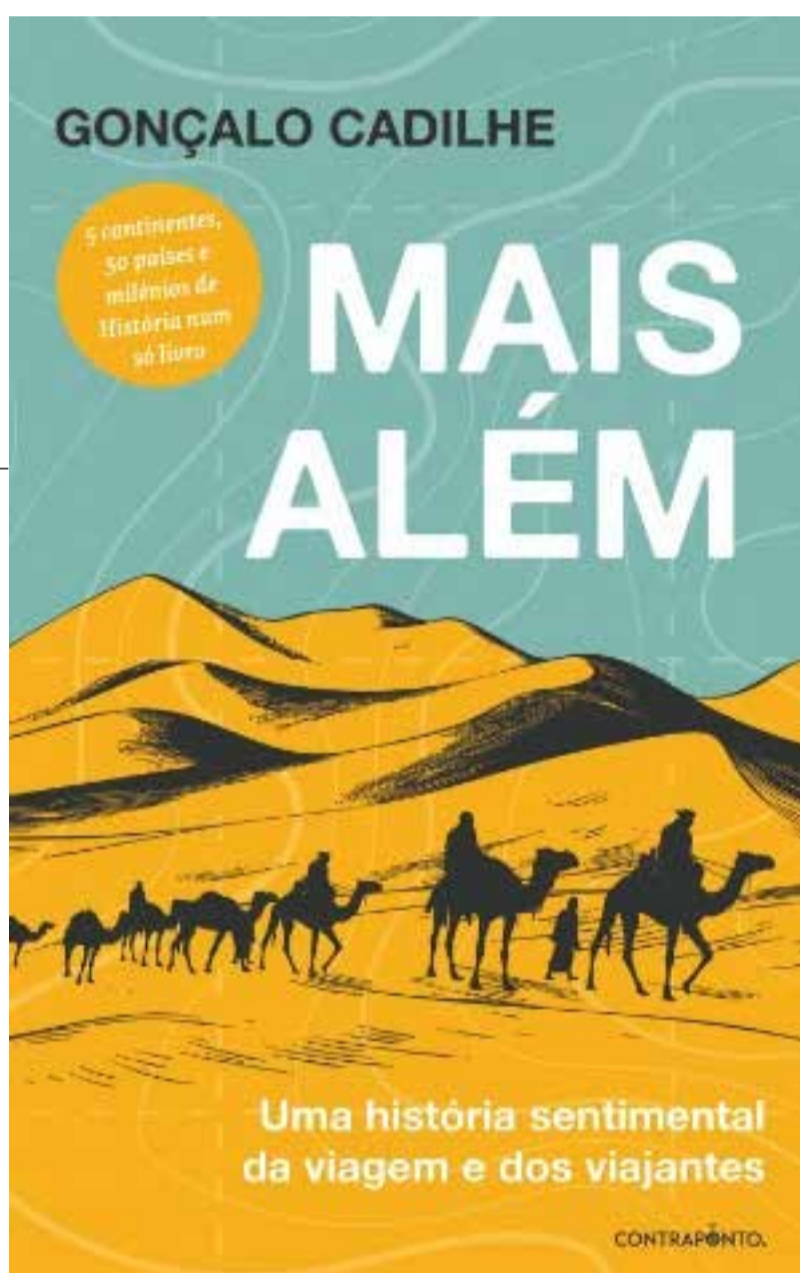
Após a recuperação, decide um novo rumo: Myanmar, onde, numa ONG, defenderá a causa da etnia *karen*, apoiando os refugiados Rohingya. Salvar vidas, tal como salvaram a sua. Talvez seja essa a sua missão: aprender, descobrir-se, lutar para fazer a diferença – palavras-chave norteadoras da nova vida.



Aldeia Karen, Tailândia

# A viagem é agora

Gonçalo Cadilhe  
*Mais Além*  
Contraponto



No momento em que estamos, é essencial repensar a viagem. O mundo transformou-se radicalmente desde que foram moldados os lugares-comuns daquilo que é viajar. O arquétipo do viajante é tão antigo que, em contornos determinantes, diverge da realidade que nos rodeia, ao ponto de não coincidir sequer nos mínimos fundamentos

estruturais. Perante as novas formas de viajar, perante o que implica viajar no presente, é essencial repensar a viagem. Quais as razões profundas que, hoje, continuam a justificar a viagem? Esta é uma pergunta filosófica, que obriga a considerar muito mais dimensões do que parece.

Esta reflexão é um dos pilares que sustenta *Mais Além*, o livro mais recente de Gonçalo

Cadilhe. Vindo da imprensa e desde que, há mais de vinte anos, chegou à publicação de livros, Cadilhe tem escrito sobre múltiplas viagens, transitando entre continentes e culturas. Seria fácil classificá-lo com “viajante incansável”, com bastante probabilidade já muita gente o fez. No entanto, o que aqui encontramos é um balanço. Constituídas essencialmente por memória, estas páginas propõem um olhar sobre um grande número de viagens feitas, geografias diversas, e tentam conclusões, decantam o que ficou de todas essas milhas. Tanto a um nível individual, como a um grau muito mais amplo.

Assim, tanto na progressão dos capítulos, como no interior de cada um deles, somos conduzidos num caminho que, com regularidade, circula por momentos de errância. Essas derivas, no entanto, nunca se perdem, nunca vão dar a becos; pelo contrário, são elas próprias uma espécie de manifesto sobre a viagem e a sobre a literatura, os seus tempos e os seus propósitos.

Em certos detalhes, o narrador parece rejeitar intenções teóricas, programáticas, reconhecendo coincidências e aceitando circunstâncias que transcenderam a sua escolha. Ainda assim, na leitura de *Mais Além*, reconheci uma sólida construção literária que, a meu ver, é justamente o esqueleto que suporta a diversidade que constitui este livro.

O protagonista-aventureiro distrai-nos do narrador, mas ele está sempre lá, atento e correcto. A empatia criada pelo uso da primeira pessoa, aliada a momentos em que intuímos desarmante sinceridade, levam o leitor para o território de uma não-ficção que rejeita o estereótipo da convenção literária. A sinceridade é notória nos momentos em que, por exemplo, o narrador assume que já não viaja com o mesmo fascínio

natural de outros tempos, precisa agora de trabalhar muito mais para chegar a ele. Ou, também, na aberta ironia, sem filtros, com que descreve a realidade altamente mitificada de Khaosan Road, em Bangueroque, para dar um exemplo concreto. Lê-se na página 26: «Mochileiros, neo-hippies, instagramers, bloggers, sabáticos e outras tribos fazem base em Khaosan Road para preparar circuitos no Sudoeste Asiático, tal como turistas seniores esperam no convés de um cruzeiro das Caraíbas a sua vez para desembarcar na escala turística do dia.»

A construção deste *Mais Além* é feita de histórias, muitas, com diversos sabores e considerações, também abundantes, como se houvesse sede de retirar aprendizagem de tanta experiência acumulada. Entre histórias e considerações, encontramos ora o “eu”, ora toda a humanidade. O contraste permanente entre estas duas dimensões é, também ele, uma marca da reflexão literária e humanista incluída neste livro. Somos levados à origem do autor e somos levados à origem da humanidade, tanto o autor como a humanidade aí iniciaram a sua longa viagem. Ainda não sabemos onde essa travessia os levará.

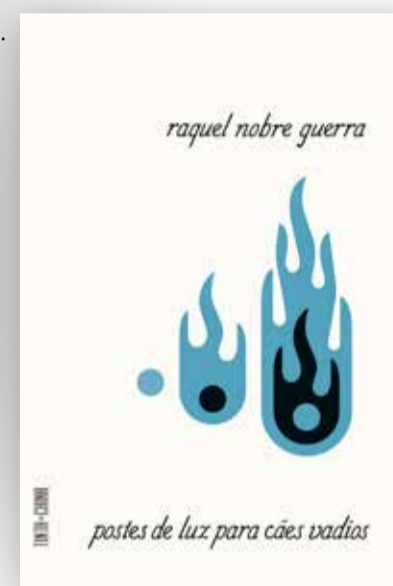
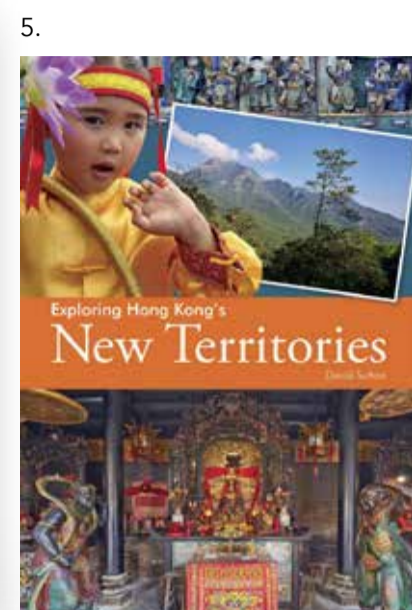
Não é inocente a escolha do momento actual para se propor esta pausa e, a partir dela, se tentar um balanço e uma estimativa. Há decisões que precisam de ser tomadas no momento em que estamos. Agora, precisamos de repensar a viagem, é essencial. A viagem é tudo o que temos.

Neste livro de Gonçalo Cadilhe, a viagem é considerada como um ser, tem corpo e personalidade. Ao ler estas páginas, necessariamente, relacionamo-nos com a viagem, divergimos dela e coincidimos com ela, tentamos saber quem ela é. Ainda assim, é inevitável concluirmos que, na viagem, existe um mistério inultrapassável, uma busca sem fim. A viagem é o outro e, ao mesmo tempo, a viagem somos nós próprios.

Na última década, o número de podcasts produzidos em todo o mundo, em contextos que vão da rádio profissional à academia, passando pelo activismo, pela vontade de documentar para o futuro e até pelo amadorismo, tem crescido de forma exponencial. No espaço de língua portuguesa e na vasta área da cultura, esse crescimento é notório. Aqui ficam duas sugestões para escutar, a primeira em série, a segunda num episódio único de um podcast qu vale a pena seguir com devoção.

Para lá do discurso de ódio que várias pessoas alimentam contra a comunidade cigana, e que agora se escuta em horário nobre e em directo da Assembleia da República portuguesa, por exemplo, o que sabemos sobre a cultura Romani? Na série de podcasts *Conversas com Mulheres Romani*, temos oportunidade de escutar, na primeira pessoa, várias conversas com mulheres romani portuguesas, brasileiras e espanholas, muitas delas escritoras e activistas, sobre temas como a arte, a cultura Romani e a luta contra o anti-ciganismo. Estes podcasts surgem no âmbito de um trabalho de doutoramento realizado por Voria Stefanovsky no Centro de Humanidades da NOVA FCSH, sob orientação de Margarida Rendeiro, e são um contributo precioso para a desconstrução de estereótipos e ideias feitas sobre a cultura e as mulheres romanis. No primeiro episódio, escutamos Olga Mariano, portuguesa, mediadora sócio-cultural, activista pelos direitos da comunidade Roma (cigana) e poeta, bem como Elisa Costa, mulher Romani brasileira, activista, fundadora e presidente da Associação Internacional Maylê Sara Kali. Vale a pena ouvir este e todos os outros episódios do podcast, disponíveis em diferentes plataformas (entre elas o Spotify).

Raphael Montes e Edyr Augusto são dois escritores brasileiros conhecidos, entre outras proezas literárias, pelo impacto das suas criações no género policial. No podcast *451 MHz*, da revista *Quatro Cinco Um*, gravado durante a edição de 2025 de A Feira do Livro (festival literário em São Paulo), os dois falam sobre literatura policial. Com moderação da jornalista Roberta Martinelli, da Rádio Eldorado e TV Cultura, Montes e Augusto começam pela inevitável observação sobre o desprestígio que a literatura policial tinha até há alguns anos, sempre vista como género menor, percepção que mudou muito, tanto que há romances policiais que facilmente furam essa arrumação em gavetas ou secções mais específicas das livrarias e se instalam de pleno direito no escaparate da grande literatura. Daí, partem para desmontar preconceitos e discutir os reflexos sociais e políticos que atravessam tantas páginas policiais, os enredos e a sua complexidade cada vez mais sofisticada e também as adaptações para filme ou série televisiva de alguns dos seus livros. Como diz Raphael Montes, «falar de literatura policial é falar de violência, e falar de violência é falar da sociedade».



1.  
Francisco Noa  
***Império, Mito e Miopia***  
— *Moçambique como invenção literária*  
Caminho

Um estudo do ensaísta e professor moçambicano Francisco Noa sobre a literatura de Moçambique no período colonial, analisando com detalhe e olhar crítico esse gesto de criar e escrever mundos a partir de uma lógica que assenta na suposta superioridade cultural e civilizacional de parte da população.

2.  
Luísa Costa Gomes  
***Triunfo do Triunfo***  
*e outros contos escolhidos*  
Dom Quixote

Depois de *Visitar Amigos e outros contos*, Luísa Costa Gomes regressa ao género que a tem confirmado como uma das grandes escritoras em língua portuguesa, com um novo volume que reúne contos dispersos, anteriormente publicados em revistas, jornais e antologias.

3  
Jorge Mateus e Paulo Caetano  
***A Fuga***  
Iguana

Banda desenhada que relata a extraordinária evasão de sete presos políticos detidos na prisão de Caxias, em 1961, na qual, ironia das ironias, foi utilizado como veículo de fuga um carro que pertencia a Salazar e que, ainda por cima, havia sido oferecido ao ditador português por Hitler.

4.  
Nuno Estêvão Ferreira (coord.)  
***50 anos da Constituição da República Portuguesa (1976-2026)***  
Edições 70

Um álbum que reúne texto e imagens várias, registando a história da Constituição da República Portuguesa, incluindo os debates que lhe deram origem, o espírito com que foi construída e a sua capacidade de permanecer actual ao fim de cinco décadas, celebradas este ano.

5.  
David Sutton  
***Exploring Hong Kong's New Territories***  
Blacksmith Books

Um percurso pela história e pelos lugares dos Novos Territórios de Hong Kong, com passagem pelas vilas e aldeias das comunidades mais antigas, pelos templos e monumentos e pelas paisagens naturais, sem esquecer a arquitectura contemporânea e os novos bairros.

6.  
Raquel Nobre Guerra  
***Postes de Luz para Cães Vadios***  
Tinta da China

Novo livro de poesia de Raquel Nobre Guerra, atravessado pela melancolia e pelas oportunidades perdidas. Um excerto: «Este país que me ensinaram a chamar de meu/ cujo mapa não incluiu as ruas onde cresci/ e me tornei órfã das promessas oficiais/ do pleno emprego, do sol gratuito/ metade do preço, metade do sonho/ na carne magoada da fruta feia».